
A sombra do traumático na escuta psicanalítica

The Shadow of the Traumatic in Psychoanalytic Listening

Tatiane Castro Paulus

ORCID: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>

Centro Universitário Ritter dos Reis, Brasil

E-mail: autoria@email.com

RESUMO

O presente estudo busca compreender o trauma e suas implicações na clínica psicanalítica, tendo como ponto de partida os estudos de Sandor Ferenczi, autor relevante no cenário psicanalítico bem como no avanço da Psicanálise moderna. Dedicado aos pacientes considerados difíceis na época, teceu em grande parte de sua obra, considerações acerca do traumático, tema que para Ferenczi partia tanto do viés constitutivo quanto patológico. Através do processo de introjeção o autor destaca a importância da presença de um outro que dê conta de excitações inevitáveis ao sujeito, seja na cena do nascimento seja na cena analítica, quando a palavra está endereçada a alguém. Dado que o trauma se efetiva na quebra da relação com o outro, no setting analítico, conceitos como o de hospitalidade, empatia e saúde psíquica do analista sustentam a técnica analítica na aposta de que haja um novo destino ao traumático.

Palavras-chave: Trauma; Ferenczi; Psicanálise; Constituição;

ABSTRACT

This study aims to understand trauma and its implications in psychoanalytic practice, using the studies of Sandor Ferenczi as a starting point. Ferenczi is a significant figure in the psychoanalytic field and in the advancement of modern psychoanalysis. He devoted much of his work to patients considered difficult at the time, making numerous considerations about trauma, a theme that for Ferenczi had both constitutive and pathological aspects. Through the process of introjection, he highlights the importance of the presence of another who can manage the inevitable excitations faced by the subject, whether at birth or in the analytic setting, where words are addressed to someone. Given that trauma manifests in the breakdown of the relationship with the other, in the analytic setting, concepts such as hospitality, empathy, and the analyst's mental health support the analytic technique in the hope that a new fate for the traumatic can be achieved.

Keywords: Trauma; Ferenczi; Psychoanalysis; Constitution;

INTRODUÇÃO

Como um acontecimento marcado por sua intensidade, o trauma pode ser compreendido economicamente como um excesso de excitação não passível de elaboração em relação a tolerância do indivíduo. O psiquismo diante da tentativa de elaboração, reage da maneira como pode à força tão devastadora e quando os meios habituais fracassam instala-se o traumático (Laplanche & Pontalis, 2014). Freud ocupou-se com a temática principalmente quando buscava entender a etiologia da histeria, no decorrer de seus estudos e com base em suas observações clínicas, em meados de 1890 nomeou que a ação traumática se dividia em dois tempos distintos, contando que no registro do a posteriori uma primeira cena dirigida por um adulto em relação à criança recebia através de traços associativos o peso do traumático, podendo então dar origem aos sintomas histéricos (Faviero, 2009).

Os estudos de Freud oferecem alguns caminhos importantes para pensar a ação do trauma no psiquismo do sujeito, porém Ferenczi, psicanalista Húngaro e discípulo de Freud, se debruçou nesta temática e a partir de observações clínicas com pacientes considerados difíceis, propôs vias de acesso ao que não pode ser representado, trazendo contribuições de extrema relevância no que tange a compreensão psicanalítica (Fuchs & Junior, 2014). Dedicado a ocupar-se com pacientes mais adoecidos que a clássica indicação da época recomendava, Ferenczi agregou contribuições à metapsicologia Freudiana, propondo avanços na clínica repensando o método de psicanalisar, além de tecer um posicionamento ético político quanto a formação dos psicanalistas. Além disso, sua construção teórica possibilitou que autores como o francês Jacques Lacan, que propõe a variação no tempo da sessão de análise e o inglês Donald Winnicott, que atribui ênfase ao ambiente no processo de desenvolvimento infantil pudessem tecer a matriz de seus pensamentos, marcando a relevância de sua contribuição para a Psicanálise moderna (Kahtuni & Sanches, 2009).

O autor ocupou-se em pensar sobre o trauma e seus efeitos no aparelho psíquico, temática sobre a qual se debruçou principalmente a partir de 1929. Seus textos visto no campo psicanalítico como polêmicos, exaltam a importância do ambiente na constituição do sujeito marcando uma valorização da realidade externa em detrimento da realidade interna. De nenhum modo propõe que se deixe de avaliar os fatores endógenos (de origem interna), porém deve-se considerar que as direções incomuns do desenvolvimento, se dão

a partir de um conflito real com o mundo externo (Ferenczi, 1930). Ferenczi apresenta dois enfoques à teoria do trauma, primeiramente atribui a funcionalidade positiva quando entende o mesmo a partir de uma perspectiva organizadora, mais adiante, conforme avança seus estudos acrescenta que na impossibilidade de metabolizar a experiência traumática, está em risco o processo identificatório do sujeito (Faviero, 2009).

O ENCONTRO COM O OUTRO

A passagem da boca cheia de seio à boca cheia de palavra, se efetua por meio de experiências de boca vazia [...] (Abraham & Torok 1972/1995 conforme citado em Ferreira & Pons, 2013).

Sándor Ferenczi se dedicou aos estudos do processo de introjeção principalmente em 1909 e 1912, anos em que teceu grande parte do que atualmente compõe sua teoria. Em seu texto *Transferência e introjeção* (Ferenczi, 1909), dedicou-se a pensar sobre os processos que antecedem a transferência, pontuando essa como uma reedição que torna possível o avanço da análise, onde o analisando transporta sentimentos para a figura do analista em substituição da figura de outras pessoas. Para compreender como se dá o processo de transferência, postula que o sujeito diante da necessidade de desinvestir sua libido de um complexo, pois sua satisfação traria desprazer, depara-se com uma impossibilidade de neutralização total da libido, afinal de contas, embora haja caminhos viáveis a neutralização total não é possível. Esse quantum de libido que circula, anseia neutralizar-se e por isso busca ancoragem nos objetos externos, fazendo-o objeto de suas fantasias inconscientes e conscientes.

Pinheiro (1995) nos conta que esse espaço que anseia sentido e impulsiona a transferência, é o que Ferenczi chama de introjeção. Como um conceito de extrema importância em suas contribuições metapsicológicas e construções técnicas, também sugere como o sujeito irá articular seu processo identificatório convocando a pensar na mudança de direção pulsional que ocorre em um recém-nascido onde até então operava o autoerotismo. É após defender-se do desprazer, ou seja, com a projeção primitiva, que abre lugar para a introjeção primitiva:

Entretanto, uma parte maior ou menor do mundo externo não se deixa expulsar assim tão facilmente do ego mas persiste em impor-se, como que por desafio: ama-me ou odeia-me, “combate-me ou sê meu amigo!” E o ego cede a esse desafio, reabsorve uma parte do mundo externo e a incluirá em seu interesse: assim se constitui a primeira introjeção, a “introjeção primitiva”. O primeiro amor, o primeiro ódio realiza-se

graças à transferência: uma parte das sensações de prazer ou desprazer, auto-eróticas na origem, desloca-se para os objetos que as suscitaram (Ferenczi, 1909, p. 85).

Como um processo que propicia sentido ao aparelho psíquico do sujeito, tendo como fundamento a interpretação do desejo do outro, tem como produto a construção de fantasias além da possibilidade de se estruturar narcisicamente. Neste sentido pode-se pensar em seu caráter de defesa, mas neste caso a produção fantasmática surge frente ao desamparo e não ao desprazer, como no caso da projeção (Pinheiro, 1995).

Em seu texto “O conceito de introjeção” quando retoma o assunto, reitera que todo amor objetal ou toda transferência compõe o que ele nomeou anteriormente como introjeção, haja visto a extensão do mundo externo presente na esfera do ego. Considerando que “o homem só pode amar a si mesmo e a mais ninguém” (Ferenczi, 1912, p. 181), a introjeção propõe uma fusão entre o sujeito e o objeto amado.

No texto “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte” o autor segue atribuindo grande importância a qualidade do encontro com o adulto, postulando que a criança nasce com uma tendência inconsciente de destruição, termo nomeado por Freud, e que na possibilidade de encontrar uma chama apagada na mãe, sua vontade de viver se vê quebrada. Pensando a partir da pulsão de morte e entendendo esta como uma pulsão predominante desde o nascimento, quando a qualidade deste encontro não conta com o cuidado necessário para instaurar outra marca, encontramos nas crianças mal acolhidas pessimismo e aversão à vida (Ferenczi, 1929).

Diante disso, entende-se a introjeção não como uma função isolada, mas sim como a maneira de operar do psiquismo tendo como produto a possibilidade de representar, produzir fantasma e identificações. É dado como o oposto da projeção, tanto no sentido em que operam quanto na constituição metapsicológica dos dois conceitos, sendo a projeção um mecanismo de defesa enquanto que a introjeção se refere ao processo do psiquismo. É interessante destacar que, diferente de Klein que ao utilizar o conceito de objeto faz uso do que tange o objeto em si, para Ferenczi o que se trata aqui está no campo na linguagem, da representação. Ou seja, muito mais do que o objeto em si, a introjeção trata das marcas causadas por esse encontro, quando por exemplo um bebê se depara com o seio materno se depara com as possibilidades de prazer e desprazer, o objeto seio é o

suporte à esses sentimentos, marcando o início da circulação interna preparando para construir novos sentidos (Pinheiro, 1995).

A maneira como estes encontros acontecem desenham marcas importantes e profundas no psiquismo da criança. Os pais e seus substitutos compõem parte do meio ambiente, e a partir de como respondem à demanda infantil irão inscrevendo as primeiras opiniões da criança que “por amor a essas pessoas, deve adaptar-se a esse novo e difícil código” (Ferenczi, 1928, p. 12).

Em seu texto “A adaptação da família à criança” Ferenczi conta do encontro da criança com o ambiente, neste caso representado pelos adultos cuidadores, e dos seus movimentos de adaptação. Acontece que estes cuidadores adultos, mesmo que sejam sujeitos atravessados pelo recalçamento, são sujeitos complexos e ambivalentes. É diante desta complexidade que é possível que a introjeção opere (Ferenczi, 1928).

Diante da complexidade presente no encontro com o outro e talvez levando em consideração seus próprios fantasmas infantis, os pais contam histórias pela metade, ou com um quantum de fantasia que entra em conflito com a experiência da própria criança. Quando uma criança questiona sobre a origem dos bebês por exemplo, uma explicação puramente orgânica não a contenta, embora pareça favorável negar o valor erógeno dos órgãos genitais e propor apenas sua função de procriação a mesma experimenta excitações no próprio órgão genital e por isso fantasia novas explicações que dê conta dessa disparidade. Essa divergência lhe causa culpa pois um órgão dedicado à procriação não contempla a possibilidade de sensações libidinais. Esses (des) encontros irão inscrevendo marcas no psiquismo da criança e, estes pais que lhe apresentam o mundo com todo o colorido que tendem atribuir à ele, se estabelecem em representação no seu interior deixando de ser necessários enquanto realidade, mas compondo uma marca que lhe acompanhará, constituindo o que Freud nomeou como superego (Ferenczi, 1928).

A partir da possibilidade de introjetar a qualidade dos objetos que lhe foram apresentados, os objetos de amor também são introjetados possibilitando então integrar mentalmente ao ego a figura materna e paterna. Por amor e identificação aos seus pais, obedecer à suas regras não mais entra no campo do desprazer, sendo possível inclusive sentir satisfação, “dado que em suas fantasias apodera-se dessa potência e, portanto, está

obedecendo somente a si quando se dobra a vontade [do cuidador]” (Ferenczi, 1909, p.81).

Portanto, é através da introjeção que o recém-nascido absorve a qualidade do mundo externo compondo e criando o seu psiquismo, assim como o adulto chega na clínica e pela possibilidade de introjeção, há espaço para a transferência. Propondo uma torção ao contexto comum, o autor nos convida a pensar sobre a importância de os adultos se adaptarem às crianças, oferecendo às mesmas a possibilidade de serem hóspedes bem-vindos, neutralizando sua pulsão de morte inicial. A contextualização acerca deste processo é de extrema importância para que se possa tecer o entendimento da constituição traumática e seus reflexos na clínica psicanalítica.

DO (DES) AMPARO AO TRAUMA

[...] num quarto onde existe uma única vela, a mão colocada perto da fonte luminosa pode obscurecer a metade do quarto. O mesmo ocorre com a criança se, no começo de sua vida, lhe for infligido um dano, ainda que mínimo: isso pode projetar uma sombra sobre toda a sua vida [...] (Ferenczi, 1928, pp. 5-6).

O conjunto de significações atribuídos como trauma, percorrem desde o aprendizado da criança às normas de higiene quanto a violência sexual (Ferenczi, 1928). Aprender sobre a higiene entra no campo do traumático pois compõe uma relação até então desconhecida, haja visto que a inclusão de regras vem a negar a onipotência presente até o momento. A castração por exemplo, ilustra um trauma não apenas inevitável como também necessário, afinal de contas “não é sem perdas que as instâncias psíquicas se formam” (Pinheiro, 1995, p.65).

Diferentemente de Otto Rank que compreendia o nascimento como o primeiro trauma de um sujeito, Ferenczi propõe que não há subsídio para considerá-lo traumático, levando em consideração a capacidade orgânica do recém-nascido que possibilita se reorganizar e adaptar-se às mudanças necessárias e a presença da família como sendo capaz de ancorar os excessos gerados pelo nascimento, marcando desde então a potencialidade do encontro com o outro (Ferenczi, 1928).

Acerca das pulsões, Freud nomeia quatro características: pressão, finalidade, fonte e objeto e ao longo de sua obra, a partir do entendimento de realidade intrapsíquica e da

descoberta acerca da sexualidade infantil, abandona a teoria da sedução (Freud, 1915). A partir disso, Ferenczi encontra solo fértil nas lacunas deixadas e dedica-se à uma das características que Freud não delegou tanta importância: o objeto da pulsão. Além disso, embora Freud já houvesse nomeado a sexualidade infantil como legítima, Ferenczi segue dedicado ao assunto por entender que “o fato de se conceber uma sexualidade infantil não implica que se entenda que esta seja simétrica à do adulto” (Kupermann, 2008, p.150).

O tema da sedução que estava sendo estudado por Freud tomou outra direção no pensamento Ferencziano. Em seu texto “Confusão de língua entre os adultos e a criança” retrata a sedução e seu enlace com o traumático, ainda dando forte atenção ao encontro com o outro. O autor nos conta que, apesar de a criança ser sexualizada, enquanto brinca com um adulto emprega a linguagem da ternura, algumas vezes denunciando suas fantasias lúdicas podendo assumir até mesmo um caráter erótico, porém ainda no campo do terno. Entretanto acaba defrontando-se com a linguagem do adulto – linguagem da paixão – percebendo nela um quantum de violência. Desse modo, Ferenczi avança dizendo que esse desencontro produz marcas importantes na medida em que “[Os adultos] confundem as brincadeiras da criança com os desejos de uma pessoa que atingiu a maturidade sexual e deixam-se levar por atos sexuais sem pensar nas consequências” (Ferenczi, 1932, p. 130). A criança por ainda não possuir uma maturidade psíquica, sem defesas suficientes diante de uma carga que ainda desconhece, emudece ficando sem reação.

Frente a força opressiva do adulto, o medo lhe invade até que perca a consciência e quando o medo alcança seu ponto máximo, “obriga-se a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas” (Ferenczi, 1932, p.102). Por introjeção do agressor, ele passa a existir na realidade intrapsíquica, a criança identifica-se com ele em uma possibilidade de manter o registro de ternura anterior.

Para Ferenczi as questões não param por aí, o autor analisa que após a cena de sedução a criança busca por um adulto de confiança na tentativa de que possa acolher sua demanda. A incredibilidade deste adulto, oferecendo à narrativa da criança um lugar de mentira, assim como fez o agressor: “Oh, é apenas uma criança, ainda não sabe nada dessas coisas e acabará esquecendo tudo isso” (Ferenczi, 1932, p.102), delega ao fracasso

sua tentativa de subjetivação revelando-se fundamental para o que Ferenczi entendia como segunda fase do trauma, instaurando-o efetivamente.

Diante dessa incredibilidade - também entendida como desmentido, e da impossibilidade de tornar palavra no intuito de permitir o acesso ao simbólico, faz-se necessário reformular as representações de antes do ocorrido e incorporar uma nova a fim de adaptar-se, afinal de contas, o adulto constituía sua referência e nele era depositado uma confiança cega, delegando a ele a seleção de experiências do mundo externo. A criança se vê confusa: é o adulto ou ela quem não merece confiança? Após incorporar o sentimento de culpa do agressor, se vê clivada, culpada e inocente ao mesmo tempo. Na possibilidade de recuperar o estado de ternura anterior ao trauma, resta aceitar a culpa, visto que perder o objeto neste momento corresponde ao risco de aniquilamento psíquico (Pinheiro, 1995).

O ponto central da construção Ferencziana é de que toda palavra anseia um destinatário e, portanto, a palavra apoia-se no acolhimento ou não do destinatário ao qual é direcionada. Ao não encontrar ancoragem no outro, a clivagem surge como um recurso possível de sobrevivência psíquica. E, diante da impossibilidade de relacionar-se com o objeto, busca socorro em si mesma, refletindo não somente sua identificação com o agressor como também a relação narcísica frente a impossibilidade de relacionar-se com o objeto (Lindenmeyer, 2017).

Em um próximo momento, o psiquismo ansiando dar conta de uma demanda que ainda não tinha maturação para metabolizar assume a posição de quem cuida na tentativa de resgatar e cuidar de si mesma. Carrega em seus frágeis ombros o peso de todos membros da família, podendo manifestar todas as emoções de um adulto maduro. Porém as marcas são inevitáveis, conforme Ferenczi nos aponta, podemos pensar “nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado” (Ferenczi, 1932, p. 104). Denunciando que as marcas ora ou outra aparecem.

Assemelhando-se a uma inversão dos papéis, a criança não mais está a serviço do adulto, ela agora como um “sábio bebê” cuida deste outro sabidamente doente como uma forma de recuperar a estabilidade narcísica que se perdeu no momento do trauma,

passando do lugar de quem não entende o que se passa, para o lugar de quem domina a situação.

Conforme nos diz a passagem de seu texto “Confusão de língua entre os adultos e a criança” (Ferenczi, 1932):

O medo diante de adultos enfurecidos, de certo modo loucos, transforma por assim dizer a criança em psiquiatra; para proteger-se do perigo que representam os adultos sem controle, ela deve, em primeiro lugar, saber identificar-se por completo com eles. É incrível o que podemos realmente aprender com nossas “sábias crianças” sobre as neuroses (p.105).

A ideia do “bebê sábio” surge a partir de uma observação onde através dos sonhos, se via bebês fazendo comunicações esperadas por adultos (Ferenczi, 1923). Essa maturação inesperada conta de uma necessidade de dar conta em detrimento de um outro que não o fez. Assim a identificação com o agressor surge para a criança, denotando o teor traumático desse encontro traumático e suas marcas no psiquismo. Algumas passagens do seu texto “Reflexões sobre o trauma” evocam o recurso da clivagem como uma situação de socorro evidenciando a possibilidade de tornar-se pai ou mãe de si mesmo. Portanto, é através da clivagem que uma parte do sujeito pode olhar para a outra parte de si mesmo (Ferenczi, 1934).

Se até aqui estive privado do amor, inclusive martirizado, desprende agora um fragmento de si mesmo que, sob a forma de pessoa dispensadora de cuidados, prestimosa, cheia de solicitude e amor, na maioria das vezes maternal, sente piedade da parte restante e atormentada da pessoa, cuida dela, decide por ela, e tudo isso com extrema sabedoria e inteligência penetrante. Ela é a própria bondade e inteligência, um anjo da guarda, por assim dizer. Esse anjo vê desde fora a criança que sofre, ou que foi morta, percorre o mundo inteiro em busca de ajuda, imagina coisas para a criança que nada pode salvar (Ferenczi, 1934, p. 134)

Essa passagem facilita a compreensão acerca da necessidade de desprender uma parte de si mesmo como possibilidade frente ao traumático, oferecendo condições para a clivagem. Frente a isso, o sábio bebê se apresenta como a parte sábia de si mesma, quase como um suporte para dar conta dessa outra parte fragilizada mesmo que esse suporte seja por si só destruidor. Este é o meio encontrado para organizar uma imagem de si mesmo. Porém, essa imagem não se sustenta, conforme segue:

No momento de um novo traumatismo muito mais forte, o santo protetor deve confessar sua própria impotência e seus embustes bem-

intencionados à criança martirizada, e nada mais resta, nessa altura, senão o suicídio, a menos que, no derradeiro do momento, se produza algo de favorável na própria realidade (Ferenczi, 1934, p.134).

O que quer dizer que, havendo uma nova situação traumática, o mito do bebê sábio cai por terra, e aquele que estava dando conta de suas próprias cicatrizes se vê frente ao suicídio. Portanto um movimento de sobrevivência psíquica, nestes casos podem tornar-se um movimento de autodestruição.

Lindenmeyer (2017) pontua que no tratamento psicanalítico, a partir da transferência há a possibilidade de mobilizar experiências traumáticas, nos convocando a reflexão sobre a ética deste espaço, conforme nos aponta Ferenczi na passagem que segue:

Essa coisa favorável a que nos referimos em face do impulso suicida é o fato de que nesse novo embate traumático o paciente não está inteiramente só. Talvez não lhe possamos oferecer tudo o que lhe caberia em sua infância, mas só o fato de que possamos vir em sua ajuda já proporciona o impulso para uma nova vida na qual se fecha o dossiê de tudo o que se perdeu sem retorno e, além disso, efetuando o primeiro passo, é permitido contentar-se com o que a vida oferecer, apesar de tudo, não rejeitar tudo em bloco, mesmo o que ainda poderia ser utilizável (Ferenczi, 1934, p. 135).

Com isso consideramos que há uma possibilidade de construção frente ao desamparo, desde que o encontro com o outro no campo analítico esteja em potencial para acolher este que chega com tantas cicatrizes e por tanto tempo teve de lutar sozinho, muitas vezes contando apenas consigo mesmo.

O ENCONTRO COM O TRAUMÁTICO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Diante da ausência de recursos para inscrever no simbólico o que outrora foi vivenciado, estes pacientes chegam nos consultórios muitas vezes sem conseguir colocar em palavras as experiências vividas ao longo de sua vida, fazendo uso de manifestações corporais. O autor privilegia em sua clínica tais manifestações não verbais como expressões faciais, tiques, choro e etc. e a partir disso, propõe que a postura do analista deve estar posta de maneira que consiga escutar o que não pode ser dito através da linguagem, como se o analista pudesse possibilitar ao paciente expressar-se plenamente pela primeira vez (Ferreira et al., 2013).

Para isso articulou três aspectos como essenciais para uma técnica dita “elástica” como contraponto àquela tradicional baseada na interpretação, que buscava desvelar um

conteúdo que o próprio paciente desconhecia vencendo as barreiras do recalçamento. Ferenczi propôs uma clínica sensível onde o analista pudesse testemunhar o sofrimento do paciente. Bem, se falávamos do efeito do desmentido na cena traumática, na cena analítica é necessário que se instaure o oposto, que o analista consiga ser um outro capaz de validar e se sensibilizar com a dor de quem fala, dando crédito ao trauma. Em um trabalho clássico dificilmente são aspectos levados em consideração (Gondar & Antonello, 2016).

Quanto a isso, Ferenczi (1932) conta:

Parece que os pacientes não podem acreditar, pelo menos não completamente, na realidade de um evento, se o analista, única testemunha do que se passou, mantém sua atitude fria, sem afeto e, como os pacientes gostam de dizer, puramente intelectual, ao passo que os eventos são de natureza tal que devem evocar em toda pessoa presente sentimentos e reações de revolta, de angústia, de terror, de vingança, de luto (p. 57).

Três ensaios produzidos no ano de 1928 endossam a revolução técnica proposta por Ferenczi no que tange o manejo com esses pacientes. São eles: “A adaptação da família a criança”, “Elasticidade da técnica psicanalítica” e “O problema do fim de análise”. Respectivamente aborda conceitos como hospitalidade, empatia e saúde psíquica do analista (Kupermann, 2017).

Ferenczi propõe uma torção na ideia Freudiana quando passa a se dedicar às experiências transubjetivas em detrimento da valorização do aspecto individual do sujeito pulsional. Destacando a função dos cuidadores para receber o recém-nascido, observa que quando o bebê encontra figuras de abandono ou intrusão, o estado de desamparo primordial se tornará traumatizante (Ferenczi, 1928). No ano seguinte, com o texto “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte” o ensaio recebe um complemento. Acompanhando o tratamento de pacientes traumatizados que estavam comprometidos em sua capacidade simbólica, formulou que através da presença pulsional e afetiva do analista, aqueles que foram “hóspedes não bem-vindos na família” recebem o acolhimento necessário à experiência primária e ao registro do ludismo. Ou seja, a hospitalidade retrata a possibilidade de oferecer ao paciente um espaço onde ele seja um hóspede bem-vindo, provavelmente pela primeira vez (Ferenczi, 1929).

Defendendo através do seu projeto a presença da sensibilidade do analista no encontro com o paciente, o segundo princípio trazido por ele refere-se a empatia. Em “Elasticidade da técnica psicanalítica” propõe que a elasticidade da técnica é, antes de qualquer coisa, a metapsicologia dos processos psíquicos do analista. A partir disso discorre sobre a importância de saber quando e como se deve comunicar algo ao analisando e quando do material fornecido por ele pode se extrair certas conclusões, questão que nomeou como tato psicológico. Desse modo, o arranjo de sutileza estética envolvida na noção de tato – desde a leitura de quando o silêncio é torturante ou produtivo ao paciente – compõe o cuidado que Ferenczi considerava importante. A empatia (Einfühlung¹) cuja tradução literal seria “sentir dentro” sentir o outro dentro de si, refere-se a faculdade de se deixar afetar pelo conteúdo trazido pelo analisando e afetar o outro a partir do sentido produzido por si. Com isso é importante ressaltar que antes de fazer uma comunicação ao paciente, deve o analista retirar sua libido e avaliar a situação com certa frieza, não se deixando guiar por seus sentimentos. Esse movimento proporciona benevolência ao analista e confiança ao paciente, aspectos cruciais para o desenvolvimento de um trabalho com esses pacientes (Ferenczi, 1928).

A partir de suas considerações acerca da postura empática por parte do analista, seguiu em busca de uma prática clínica mais referida ao “coração” do que à “cabeça”, conforme podemos observar em seu diário clínico onde diz que a hipocrisia por parte do analista em recusar seus próprios afetos impede o trabalho elaborativo do paciente, culminando no aumento das resistências. Com isso, adentra sobre o tema da análise do analista, segunda regra fundamental da psicanálise, pontuando não se tratar apenas de uma análise para o cumprimento de uma exigência institucional, declarando em alguns momentos que os próprios pacientes poderiam estar mais analisados que o analista. Para que fosse possível esse estilo clínico, considerava crucial que o analista pudesse conduzir sua análise a um bom termo (Ferenczi, 1990).

Em “Elasticidade da técnica psicanalítica” o autor sentiu a necessidade de refletir sobre a “higiene particular do psicanalista” haja visto a exigência diante de um estilo clínico baseado na regressão e no jogo. Defendendo a importância da modéstia do

¹ Termo em alemão utilizado no texto de Ferenczi referindo-se a Empatia, porém traduzido na obra como Tato Psicológico.

analista, pontuando também a relação construída no setting, par a par, fugindo brevemente do modelo que vigorava até o momento, pois para a elasticidade da técnica é importante uma flexibilidade, como que em uma tira para ceder às tendências do analisando, sem abandonar a direção do tratamento. Frente a isso, o espaço de análise não está posto para preservar a infalibilidade do analista, portanto não deve hesitar em reconhecer um erro, afinal de contas, “a única pretensão alimentada pela análise é a da confiança na franqueza e sinceridade do médico, não lhe fazendo mal algum reconhecer um erro” (Ferenczi, 1928, p.32).

Para acessar o que não consegue ser posto em palavras, resta ao analista buscar uma sintonia de linguagens, para compreender a criança que surge durante as sessões fazendo uso do corpo que fala por intermédio de sensações físicas. Cabe ao analista emprestar sua fantasia para construir uma narrativa possível para o que não tem memória nem palavra, utilizando seu lugar de objeto, tornando viável a introjeção (Ferenczi, 1930). Em função disso, da fantasia do analista à disposição do paciente, “é que o mesmo consegue articular uma versão de sua própria história, inserindo-a na cadeia ilusória a que todo ser humano tem direito” (Pinheiro, 1995, pp.111-112).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como quem parte da técnica para pensar a metapsicologia dos processos psíquicos, Ferenczi oferece subsídio para acolher os pacientes considerados difíceis, postulando que através da transferência se abre um campo em potencial para dar conta de uma clínica que a intervenção interpretativa não dá. Postulando a importância do ambiente e a complexidade inferida no encontro com o outro, conta das possibilidades de um trabalho analítico.

A confusão de línguas instauradas considerando a assimetria entre o adulto e a criança, denota a adaptabilidade necessária para receber o infante, desde o acolhimento no seu nascimento, até a valorização do seu lugar de fala como quem tem algum conhecimento sobre si mesmo. É com essa bagagem sensível e ancorada na alteridade que encontramos uma clínica possível e frutífera, que delega ao analista uma postura também de quem acolhe, de quem se adapta e pacientemente busca escutar o que dificilmente vem através da linguagem.

A partir de suas contribuições o autor ofereceu luz à uma temática pouco ainda estudada na época: o afeto no campo analítico. Seu intuito certamente não era substituir o paradigma anterior, mas certamente aumentar as ferramentas frente às manifestações de sofrimento cada vez mais diversificadas. A clínica que Freud eventualmente não deu conta o autor acolheu em seu divã e propôs uma escuta com fins de transformação. Reconhecer sua trajetória e contribuições, se faz de extrema importância para que seja possível avançar, formulando e compreendendo autores pós Ferenczianos que seguem contribuindo para a clínica não tradicional.

REFERÊNCIAS

- Castilho, A. L. de P. (2013). Revisitando o primeiro modelo Freudiano do trauma: sua composição, crise e horizonte de persistência na teoria psicanalítica. *Agora*. 16, 235-250.
- Faviero, A. (2009). *A noção de trauma em psicanálise*. (Tese de doutorado). Faculdade de Psicologia. PUCRJ, Rio de Janeiro.
- Ferenczi, S. (1909/1991). Transferência e introjeção. In: *Obras completas. Psicanálise I*. A. Cabral, Trad. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1912/1991). O conceito de introjeção. In: *Obras completas. Psicanálise I*. A. Cabral, Trad. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1923/1993). O sonho do bebê sábio. In: *Obras completas. Psicanálise III*. A. Cabral, Trad. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1928/1992). A adaptação da família à criança. In: *Obras completas. Psicanálise IV*. A. Cabral, Trad. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1928/1992). Elasticidade da técnica psicanalítica. In: *Obras completas. Psicanálise IV*. A. Cabral, Trad. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1928/1992). O problema do fim de análise. In: *Obras completas. Psicanálise IV*. A. Cabral, Trad. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1929/1992). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In: *Obras completas. Psicanálise IV*. A. Cabral, Trad. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1930/1992). Princípio do relaxamento e neocatarse. In: *Obras completas. Psicanálise IV*. A. Cabral, Trad. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1932/1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: *Obras completas. Psicanálise IV*. A. Cabral, Trad. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1934/1992). Reflexões sobre o trauma. In: *Obras completas. Psicanálise IV*. A. Cabral, Trad. São Paulo: Martins Fontes.

- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. A. Cabral, Trad. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferreira, P. F., Mello, R., Herzog, R. (2013). Insistências traumáticas e memória corporal: uma leitura ferencziana. *Estudos da língua(gem)*. 11, 111-128.
- Ferreira, P., F. & Pons, S. (2013). Transferência como experiência do vivido e transmissão psíquica: a herança de Sándor Ferenczi. *Pulsional revista de psicanálise*. 164, 17-26.
- Freud, S. (1915). Instinto e suas viscissitudes. In: *Obras completas XIV. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fuchs, S. M. S., & Junior, C., A., P. (2014) Sobre o trauma: contribuições de Ferenczi e Winnicott para a clínica Psicanalítica. *Tempo Psicanalítico*. 46, 161-183.
- Gondar, J. & Antonello, D, F. (2016). O analista como testemunha. *Psicologia USP*. 27, 16-23.
- Kahtuni, C. & Sanches, G., P. (2009). *Dicionário do pensamento de Sándor Ferenczi: Uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea*. Rio de Janeiro, RJ: Campus.
- Kupermann, D. (2008). A progressão traumática: algumas consequências para a clínica na contemporaneidade. In: *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*. (pp.147-160). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Kupermann, D. (2017). Princípios para uma Ética do Cuidado em Psicanálise: Hospitalidade, Empatia e Saúde do Analista. In: *Estilos do cuidado: A psicanálise e o traumático*. (pp.18-26). São Paulo, SP: Zagodoni.
- Laplanche, J., & Pontalis, J., B. (2014). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Lindenmeyer, C. (2017). O traumatismo, de Freud a Ferenczi. *Tempo Psicanalítico*. 49, 180-208.
- Pinheiro, T. (1995). *Do grito à palavra*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.